

# A Mentira (Memórias de um Louco)

**Leonid Andreyev**

– Tu mentes, sei que tu mentes!

– Por que gritas? Queres que te ouçam? E de novo ela mentia, porque eu não gritava, mas lhe falava suavemente; segurava-a pela mão e falava-lhe baixinho.

Aquela venenosa palavra "mentira" causava-me calafrios e picava-me qual uma pequena víbora.

– Amo-te, – prosseguiu ela – e deves acreditar-me! Nem isto te convencerá?

E deu-me um beijo.

Mas, quando quis enlaçá-la, estreitá-la fortemente, não estava mais ali; já saíra pelo escuro corredor e novamente a segui ao salão, onde estava a terminar a alegre festa.

Suplicara-me para ir; obedeci-lhe e vi os pares que dançavam, amorosamente, a noite toda. Ninguém se aproximava de mim, ninguém falava comigo.

Sentei-me. Junto à orquestra, a um canto, distanciado de todos, com o bojo de um trombone que me gritava e ria nos ouvidos seu riso vilão, dilacerante: - Oh! Oh! Oh!

Eis que, de súbito, um vulto branco se aproximou: era ela.

Depois, erguendo os olhos, vi-lhe o perfil branco, severo. Vi também seus belos olhos, grandes, ávidos de luz, tranquilos.

Talvez eu lhe tenha olhado o rosto em tão breve átimo que o coração, nesse intervalo, pulsou-me apenas uma vez. Jamais compreendi tão profundamente, tão horrivelmente, o que significa o infinito, jamais experimentei tão fortemente essa sensação. Presa de um temor misto de sofrimento, sentia que minha vida perpassava pelos seus olhos e que isto duraria até o momento em que eu me tornasse um estranho a mim mesmo, vazio e nulo, tal qual um morto.

E, então, ela deixou-me, levando consigo a minha vida e voltou a bailar com um rapaz alto, soberbo e belo. Examinei os mínimos detalhes daquele homem, o corte do seu traje, a amplitude dos seus ombros esbeltos e os cabelos repartidos ao centro.

Ele olhava-me com indiferença, sem ver-me, mas parecia-me que cada olhar seu me esmagava de encontro à parede e me tornava, assim, de tal modo transparente que já estava quase confundido com a parede.

Quando começaram a apagar os luzidios candelabros, cheguei-me a ela e disse-lhe:

– Está na hora de irmos! Vou acompanhar-te!

Ela, porém, permaneceu surpresa e murmurou: – Eu preciso ir com ele!

E apontava-me o belo jovem, que olhava alhures. Em seguida, arrastando-me para o corredor deserto, deu-me mais um beijo.

– Mentas! – disse-lhe, ao ouvido.

– Rever-nos-emos ainda hoje! Tu precisas ir!, respondeu-me.

Quando saí do baile, uma aurora glacial embranquecia os telhados. Na rua, estávamos somente eu e o cocheiro.

O cocheiro, de cabeça baixa, parecia reflectir. Eu também meditava: pensava nela, em suas mentiras!

Caminhávamos assim pelas ruas compridas e rectas, enquanto a madrugada se levantava por cima das casas e tudo em torno de nós estava imóvel e branco.

## II

Ela mentira. Em vão fiquei à sua espera.

O crepúsculo cinzento escureceu-se e, sem que eu o percebesse, ao dia se sucedeu a tarde e a esta a noite. Eu ia e vinha, com o meu passo sempre igual, monótono, cansado pela longa espera, passeando para diante e para trás, ao lado oposto da rua, sem nunca me aproximar da casa em que ela morava.

Quando voltava a cabeça para a porta da casa, a neve picava-me o rosto com as suas agulhas agudas e tão afiadas que me chegavam até ao coração, atormentando-o com o tédio e a ira de uma longa espera.

Eu aguardava-a, mas ela não vinha. Não sei por que, ao invés de gritar e chorar devido ao sofrimento, eu ria e alegrava-me, esfregando fortemente os dedos, uns de encontro aos outros, como se fossem garras e tivesse conseguido estreitar nelas aquela pequena e venenosa víbora: a sua mentira!

A víbora retorcia-se entre as minhas mãos, mordendo-me o coração, e o seu veneno obrigava-me a virar a cabeça.

Para mim, tudo era mentira. Todo e qualquer limite entre o presente e o passado desaparecera. Eu tinha a impressão de ter vivido sempre e nunca, e que ela sempre e nunca reinara sobre mim: cheguei a pensar que aquilo tinha nome e corpo. Para mim, não tinha nome; era aquela que mentia, aquela que faz esperar e não vem, durante toda a eternidade!

Eu ria, e as agulhas afiadas penetravam-me o coração e um riso ordinário ressoava aos meus ouvidos: "Oh! Oh! Oh!"

Reabri os olhos e vi as janelas do alto casarão iluminadas, que me diziam maciamente:

– Ela engana-te! No próprio momento em que tu caminhas, sofres, esperas, ela, bonita, brilhante, mentirosa, está aqui a ouvir tudo quanto lhe murmura um rapaz, belo e forte, que te despreza. Se tu entrasses aqui e a matasses? Certamente, seria bem feito, porque, assim, matarias a

mentira!

Eu estreitava ainda mais a mão, em que apertava um punhal, e, sorrindo, respondia:

– Sim, matá-la-ei!

Mas as janelas olhavam para mim com piedade e, com piedade, acrescentavam:

– Não, tu não a matarás! Não a matarás nunca, porque essa arma, nas tuas mãos, é uma mentira, tal como os beijos dela!

Desde muito tempo haviam desaparecido as sombras silenciosas dos transeuntes. Na rua fria, permanecera somente eu, sozinho, a fitar as trémulas chamas dos lampiões.

Pouco além, o relógio do campanário da igreja deu as horas: o som metálico tremia e chorava e, voando pelo espaço, perdia-se finalmente no louco turbilhão dos flocos de neve.

Contei as pancadas do relógio: bateu quinze vezes.

O campanário era velho, e assim o relógio; mas, embora indicasse exactamente a hora, tocava frequentemente assim, por acaso, às vezes muito pouco, outras vezes demasiado, de maneira que o velho sineiro de cabelos grisalhos era obrigado a grimpar até ao alto, para sustar com as mãos o martelinho, que teimava em bater.

Por que aqueles velhos toques, trémulos e compassivos, mentiam? Por que aquela inútil mentira?

Com o último daqueles toques mentirosos, a porta da casa abriu-se e vi sair dela a alta figura de um homem.

Não lhe percebia senão as costas, mas reconheci-o facilmente. Era tal como o conhecera na véspera, arrogante e com ar de desprezo. Reconheci-lhe também o passo, que estava ainda mais firme e lépido que no dia anterior.

Ao sair daquela porta, também eu tivera aquele passo: o passo de um homem que beijara os lábios de uma mulher.

### III

Eu exigia, ameaçava, rilhava os dentes: – Dize-me a verdade!

Ela, com o rosto frio como gelo, franzindo singularmente as sobrancelhas, sob as quais continuava a sorrir o seu impenetrável olhar, perguntava-me:

– O quê? Achas talvez que esteja mentindo?

Eu sabia que não poderia provar-lhe a mentira, que a minha disposição de espírito desconfiado poderia ser modificada inteiramente por outra só palavra – outra mentira. Aguardava que aquela palavra lhe saísse dos lábios, embora sabendo que, mesmo recobrando-se externamente de uma tinta de verdade, seria sempre negra.

– Amo-te! Não sou toda tua?

Estávamos distantes da cidade. A sóbria janela do quarto dava sobre um campo de neve. Em baixo, em redor, tudo eram trevas, trevas densas, imóveis, mudas! No aposento calidíssimo, somente uma vela ardia, e o pálido reflexo do campo parecia divertir-se na sua luz avermelhada.

Quero conhecer a verdade, por mais espantosa que seja! Talvez eu morra com isso, mas é mil vezes melhor a morte a ficar ignorando. Em todos os teus beijos e abraços percebo a mentira. Leio-a nos teus olhos! Dize-me a verdade, e eu te deixarei para sempre! – exclamei.

Ela continuava calada, e o seu olhar, friamente indagador, penetrava-me a alma, revolvendo-a, examinando-a com estranha curiosidade. Então gritei:

– Responde-me, do contrário mata-te!

– Mata-me! – respondeu tranquilamente – Há momentos em que a vida me pesa. Mas julgas tu que te tornarás o senhor da verdade com ameaças?

Subitamente, atirei-me a seus pés. Supliquei-lhe, torcendo as mãos, que tivesse piedade de mim, que me dissesse a verdade.

– Infeliz! – respondeu-me, acariciando-me os cabelos.

– Infeliz!

– Tenha pena de mim! – implorei – Necessito tanto da verdade!

Observava-lhe a testa pura, e pensava que a verdade estava ali, do outro lado da frágil barreira que, insensatamente, eu desejava abater, para vê-la, afinal!

Mais abaixo, sob o seio alvo, eu sentia pulsar-lhe o coração, e experimentava um desejo insensato de abrir àquele peito, para ver – ao menos uma vez – o que realmente existia naquele coração.

Entrementes, a luz trémula da vela aos poucos ia afrouxando; as paredes iam ficando escuras, e eu sentia-me sozinho, vazio, triste!

De súbito, a vela apagou-se, e permanecemos envoltos em trevas. Eu nada mais enxergava, nem a sua boca, nem os olhos de minha amada; as suas mãos circundaram-me o pescoço, e não ouvi mais a mentira. Conservei os olhos fechados, nada mais via, não mais vivia; interrogava somente o contacto daquelas mãos, que me parecia verdadeiro. O seu murmúrio, estranho e doloroso, elevava-se suavemente na noite.

– Abraça-me, tenho medo!

Depois, novamente silêncio e novamente um murmúrio, indistinto, repleto de terror:

– Queres saber a verdade? Mas, então pensas que eu também a conheça? Eu também, talvez, não desejo conhecê-la? Abraça-me! Oh, como tenho medo!

Reabri os olhos. A escuridão do quarto ia amortecendo, e, das janelas abertas, uma coisa branca, mortalmente branca, fitava-me, silenciosamente. Parecia que dois olhos vítreos nos fitassem, nos

sequestrassem em seu olhar glacial.

Abraçámo-nos, a tremer, um ao outro, e ela murmurou: – Oh, como tenho medo!

#### IV

Matei-a. Matei-a, e quando, massa inerte e flácida, a vi estendida, perto da janela, atrás da qual embranquecia o campo deserto, curvei-me sobre o seu corpo, explodindo numa gargalhada. Não era o gargalhar de um louco, oh! certamente que não! Eu sabia perfeitamente por que estava a rir.

Ria por sentir que o meu peito, finalmente, podia respirar com sopro igual e leve; nela também, agora, tudo já estava sereno e vazio. O meu coração, afinal, vomitava o verme que o atormentava.

Curvando-me sempre, fitava os seus olhos esbugalhados que, redondos e opacos, como que recobertos de uma camada de mica, pareciam os olhos de uma figura de cera.

Sem experimentar pavor nenhum, podia, agora, fechá-los e abri-los, porque o demónio da mentira e da dúvida, que tão cruelmente, durante tanto tempo, me sugara o sangue, não mais vivia naquelas negras e impenetráveis pupilas.

Quando vieram prender-me, eu ainda ria; e vi que àqueles homens meu riso parecia funesto e malvado, selvagem.

Afastavam-se de mim com asco, e com ar ameaçador é que me vinham ao encontro; mas, assim que o meu olhar, alegre e lúcido, se encontrava com o deles, os seus semblantes empalideciam, e também eram obrigados a voltar-me o rosto, evitando-me.

– Louco! Louco! – exclamavam.

Eu percebia que essa palavra os aliviava, permitindo-lhes explicar o enigma, em saber como um homem que amava loucamente tivesse podido, rindo, matar a sua dilecta.

Um só, um homenzinho risonho, gordo e rubro, chamou-me de outra maneira, que me chocou o coração e apagou-me o brilho dos olhos.

– Infeliz! – disse-me, com a compaixão que somente pode possuir um homem gordo e risonho. – Infeliz!

– Proíbo-o de chamar-me assim! – gritei – Proíbo-o! – e nem sei por que não me atirei para cima dele.

Naturalmente, não queria espancá-lo, nem assustá-lo, mas todos aqueles homens, que me julgavam insano e assassino, amedrontaram-se ainda mais, e gritaram de tal forma que me pus a rir.

Quando me levaram para fora do quarto onde jazia o cadáver, forte e resolutamente, repeti, com os olhos fixos no homenzinho jovial:

– Eu sou feliz! Sou feliz!

E era verdade.

Um dia, isso já faz tanto tempo, vi, numa jaula de feras, uma pantera negra, que não se assemelhava em nada com as demais, que dormitavam vagamente ou lançavam olhares ferozes sobre os espectadores. Ela caminhava de um canto a outro da jaula, seguindo, com matemática exactidão, uma linha invariável e virando, a cada vez, à mesma barra, a sua coxa negra, que possuía estranhos reflexos dourados.

Com o focinho subtil abaixado, olhava direito diante de si, sem voltar-se nunca.

Desde manhã até à noite, a multidão ali se apinhava, resmungava, gritava, diante da jaula; alguns espectadores sorriam, mas a maior parte olhava séria, quase triste, aquela viva imagem de um infinito desespero. E mais de um, depois de se afastar, atirava, involuntariamente, um último olhar à pantera, como que sentindo algo de comum entre o seu próprio destino e o do infeliz bicho prisioneiro.

Quando, mais tarde, os homens e os livros me falavam do eterno, recordava-me sempre da pantera e experimentava a impressão de já conhecer a eternidade, com todo o seu séquito de dores.

Agora, em minha jaula de pedra, eu também me tornei igual àquela fera.

Caminho e penso.

Caminho através da cela, de um canto a outro, seguindo uma única direcção.

Uma única linha também seguem os meus pensamentos, que eram tão pesados que me parecia carregar sobre os ombros não só a cabeça mas também o mundo. E todos eles consistem numa só palavra, grande, dolorosa, perversa. Essa palavra é:

– Mentira!

Novamente ela ricocheteia silvando por todos os cantos e esvoaça em redor da minha alma. Mas deixou de ser uma pequena víbora, para assumir o aspecto de um enorme dragão, que, com os seus dentes de aço, me dilacera. E quando escancarou a boca para gritar de dor, uma única e idêntica palavra me saiu da garganta, sempre: "Mentira!"

Essa abominável palavra, continuamente, murmurando-me aos ouvidos, acaba por exasperar-me. Batendo os pés, grito:

– A mentira não existe mais! Matei-a!

E tapo os ouvidos para não ouvir a resposta que me poderiam dar todos os cantos da cela. Mas ela, a pouco e pouco, insinua-se igualmente:

– Mentira!

Como vêem, eu estava inteiramente errado! Matei a mulher, sem antes, por meio de rogos, astúcia, ou fogo, lhe haver arrancado a verdade.

E assim vou pensando, caminhando de um canto a outro da cela.

Como tudo é negro, lá em baixo, para onde ela levou consigo a mentira e a verdade! Mas não importa, irei para lá da mesma forma. Irei ter com ela onde estiver, ainda mesmo no mais negro antro de Satã. Ajoelhar-me-ei a seus pés e dir-lhe-ei, em prantos:

– Revela-me a verdade!

Mas, meu Deus! Também isto é uma mentira! Lá em baixo existem apenas trevas e vácuo. Ela já não mais lá se encontra e nem tampouco em outro lugar. Somente a mentira vive; a mentira é imortal, é imortal: sinto-a no mais insignificante átomo de ar que respiro. Ela, a cada sopro, penetra-me, penetra-me no peito, e tortura-o, tortura-o!

Oh, que loucura para um homem procurar a verdade! Que sofrimento atroz!

Socorro! Tenham compaixão de mim! Socorro!

*Digitalizado de “Obras-primas do Conto Fantástico”, Livraria Martins Editora*

*Obtenha outros e-books na [secção Biblioteca](#) do [Esquerda.net](#)*